

PIB do agronegócio teve crescimento de 2,71% nos primeiros sete meses do ano

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou crescimento de 0,13% em julho, acumulando alta de 2,71% de janeiro a julho de 2016, em comparação ao mesmo período de 2015.

Entre os ramos, o agrícola apresentou leve queda de 0,04% no mês, mas segue em elevação no acumulado do ano, de

3,61% frente ao mesmo período do ano anterior. Esta foi a primeira queda do ramo agrícola neste ano. Já o ramo pecuário registrou alta de 0,52% no mês, com crescimento acumulado de 0,76% até julho (Tabela 1).

Com relação aos segmentos, no ramo agrícola, o industrial apresentou queda em julho (-0,88%). Os demais segmentos registraram alta no mês: insumos (0,28%), primário (0,95%) e serviços (0,03%). No acumulado, até julho, todos os segmentos do ramo agrícola manti-

veram-se em crescimento. O primário segue em destaque, com elevação de 6,52%, seguido por serviços (3,61%), insumos (2,64%) e indústria (1,90%) (Tabela 1).

Já no ramo pecuário, todos os segmentos apresentaram crescimento no mês: insumos (0,81%), primário (0,52%), indústria (0,39%) e serviços (0,41%) (Tabela 1). No acumulado também se verifica alta em insumos (2,07%), seguido por primário (0,80%), serviços (0,29%) e indústria (0,07%) (Figura 2).

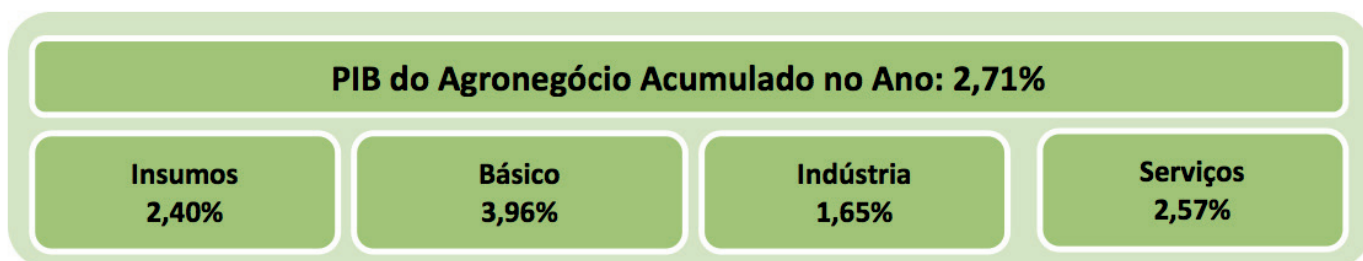


Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB do agronegócio (janeiro a julho/2016, em relação a janeiro a julho/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA.

Rações seguem sustentando alta no segmento de insumos

O segmento de insumos agropecuários apresentou alta de 0,50% em julho, acumulando crescimento de 2,40% no período de janeiro a julho de 2016 (Tabela 1).

Entre as indústrias acompanhadas, para fertilizantes e adubos, prevê-se redução de 10,52% no faturamento anual, devido à queda na produção esperada em 2016, de 1,75%, além do recuo dos preços reais em 8,93% (na comparação entre janeiro a julho de 2016 com o mesmo período de 2015) (Figura 2). Segundo a equipe Cus-

tos Agrícolas/Cepea, nos últimos meses, a valorização do Real frente ao dólar e a redução dos preços internacionais dos fertilizantes resultaram em queda nos preços dos principais adubos no mercado interno.

Quanto à indústria de rações, estima-se aumento de 11,29% no faturamento anual, em decorrência de produção e preços em alta (2,90% e 8,16%, respectivamente). Segundo o Sindirações, a elevação de preços acumulada está atrelada, princi-

palmente, às valorizações do milho e da soja ocorridas no mercado doméstico ao longo dos primeiros sete meses do ano, conforme já destacado nos relatórios anteriores.

Para a indústria de combustíveis e lubrificantes, estima-se recuo de 15,59% no faturamento deste ano, diante de preços 9,53% menores e do recuo na projeção da produção anual, de 6,70% (Figura 2).

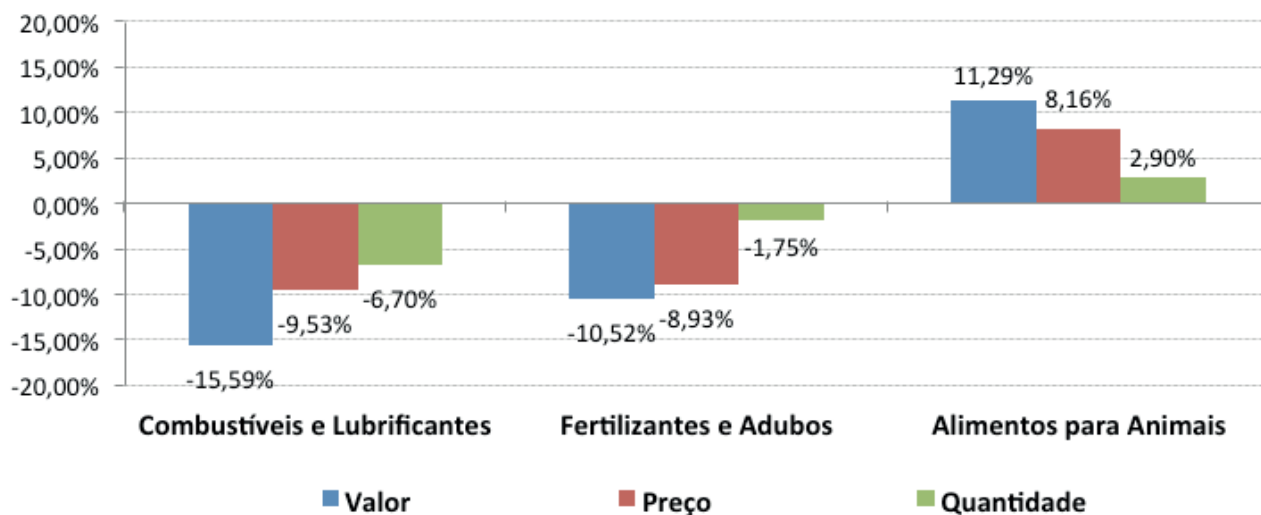


Figura 2 – Insumos: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a julho/2016 em relação a janeiro a julho/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindicatos)

Segmento primário: preços continuam em alta impulsionando a agricultura

O segmento primário do agronegócio cresceu 0,76% em julho, acumulando alta de 3,96% de janeiro a julho de 2016, na comparação com o mesmo período de 2015. Entre os ramos, o segmento primário da agricultura manteve destaque, acumulando alta de 6,52% de janeiro a julho (Tabela 1). Este resultado foi impulsionado pela alta de 18,13% nos preços reais médios, enquanto a produção esperada para o ano mantém expectativa de queda em 4,84%, na média das atividades agrícolas “dentro da porteira”.

O comportamento das culturas acompanhadas – com base nas estimativas anuais de safra e na relação entre os preços de janeiro a julho de 2016, em relação ao mesmo período de 2015 – é apresentado na Figura 3. Com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, espera-se crescimento no faturamento anual das seguintes lavouras: banana (17,35%), batata (33,78%), cacau (12,24%), café (13,60%), cana-de-açúcar (10,74%), cebola (1,88%), laranja (31,59%), mandioca (67,99%), milho (25,74%), soja (11,50%) e trigo (27,47%).

Para o café, o faturamento anual tem sido sustentado pelo aumento na quantidade produzida do grão, em 14,88%, apesar de os preços terem recuado 1,12% na comparação entre os sete primeiros meses de 2016 com igual período do ano passado. Segundo números da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o aumento na produção esperada para o

ano reflete o incremento na área, com a incorporação de novas áreas que estavam em formação ou renovação, além da elevação nos índices de produtividade registrada em importantes estados produtores, como Minas Gerais e São Paulo, em função do clima favorável em um ano de bionalidade positiva.

Em relação aos preços, apesar da queda real acumulada de janeiro a julho, na comparação com o mesmo período do ano anterior, a equipe Café/Cepea destaca a alta observada em julho, na comparação com junho, influenciada pela valorização do Real frente ao dólar e ao comportamento retraído dos produtores, que buscaram reservar lotes colhidos, priorizando entregas futuras.

No caso da cana-de-açúcar, a elevação no faturamento anual reflete a previsão de aumento na produção (2,88%) e do crescimento real dos preços até julho (7,63%). Segundo informações da Conab, o clima vem favorecendo o aumento na produção da safra atual (contrastando com o excesso de chuvas verificado em 2015 em importantes regiões produtoras, como São Paulo e Paraná), o que se refletiu na grande quantidade de cana bisada a ser colhida na atual safra, conforme destacado em relatórios anteriores.

Para a cultura da laranja, a alta nos preços reais (35,92%) refletiu o bom faturamento esperado anual para o setor, apesar de a produção ter perspectiva de recuo em

3,19% na comparação entre períodos. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, ainda que julho se caracterize como um período de fortes quedas nos preços, neste ano, as cotações subiram, impulsionadas pela demanda aquecida e pela menor oferta. A equipe ainda destaca que as leves chuvas em São Paulo, ao longo do mês de julho, favoreceram o desenvolvimento de floradas.

Já em relação a soja, a expectativa de elevação do faturamento ocorre devido ao aumento real dos preços (12,43%), em contraposição à queda registrada na expectativa anual da produção (-0,82%). De acordo com a equipe Grãos/Cepea, mesmo com a alta acumulada no período, os preços caíram em julho frente ao mês anterior. A pressão esteve atrelada ao clima favorável das lavouras norte-americanas (que gerou expectativa de maior oferta naquele país), à menor demanda externa e à valorização do Real frente ao dólar, que prejudicaram as vendas brasileiras no mês.

Quanto ao milho, o forte aumento nos preços reais (58,96%), de janeiro a julho de 2016, na comparação com o mesmo período de 2015, sustentou o faturamento esperado para a cultura. A equipe Grãos/Cepea destaca que este movimento de elevação foi sustentado pela retração dos produtores ocorrida em pleno período de colheita do milho segunda safra. A quebra na produção e as expectativas de melhores preços no futuro foram

os principais fatores que embasaram a retração de produtores e vendedores no mês. A produção de milho em 2016 poderá ter queda de 20,9%.

Os produtos com projeção de queda no faturamento anual, considerando-se informações disponíveis até o fechamento deste relatório, são: algodão (3,12%), arroz (7,28%), feijão (0,41%), fumo (22,80%), tomate (42,59%) e uva (29,29%) (Figura 3).

Com respeito ao algodão, o resultado negativo no faturamento foi puxado pela previsão de redução na quantidade produzida (-17,50%) para o ano, ainda que os preços tenham se elevado em 17,43% (já descontada a inflação) no acumulado dos sete primeiros meses de 2016. Segundo a Conab, a pressão sobre a produção está atrelada à queda na produtividade, ten-

do em vista que a área semeada reduziu pouco em comparação com o ano anterior no Brasil.

Para o arroz, a queda está atrelada principalmente à redução na expectativa da produção, estimada em 14,80%, em contraste com o aumento real de 8,82% nos preços, na comparação dos sete primeiros meses de 2016 com o mesmo período de 2015. De acordo com a Conab, a queda na produção se deve à redução da área plantada em quase todos os estados produtores que, aliada ao excesso de chuvas, resultou em plantio fora da janela ideal e em menor produtividade na região Sul do País, conforme destacado em relatórios anteriores. Já com relação a preços, a baixa oferta fez com que a média de julho atingisse o patamar real mais elevado desde janeiro de 2009, com elevação de 9% frente ao mês anterior, segundo a

equipe Arroz/Cepea.

Com relação ao tomate, a queda no faturamento anual do fruto foi puxada pela menor produção esperada (15,28%) e pela redução nas cotações reais (-32,23%) na comparação entre períodos. Segundo a equipe Hortifrut/ Cepea, a produção foi prejudicada por chuvas e geada, principalmente nos estados de São Paulo e Paraná, conforme destacado em relatórios anteriores. Para o feijão, a queda na foi estimada em 21,63% em 2016. Já quanto aos preços, no comparativo de janeiro a julho de 2016 com 2015, a alta foi de 27,08%.

Na Figura 3, são apresentadas as variações de volume estimadas para o ano, de preços reais (na comparação entre períodos) e de faturamento real das atividades primárias da agricultura.

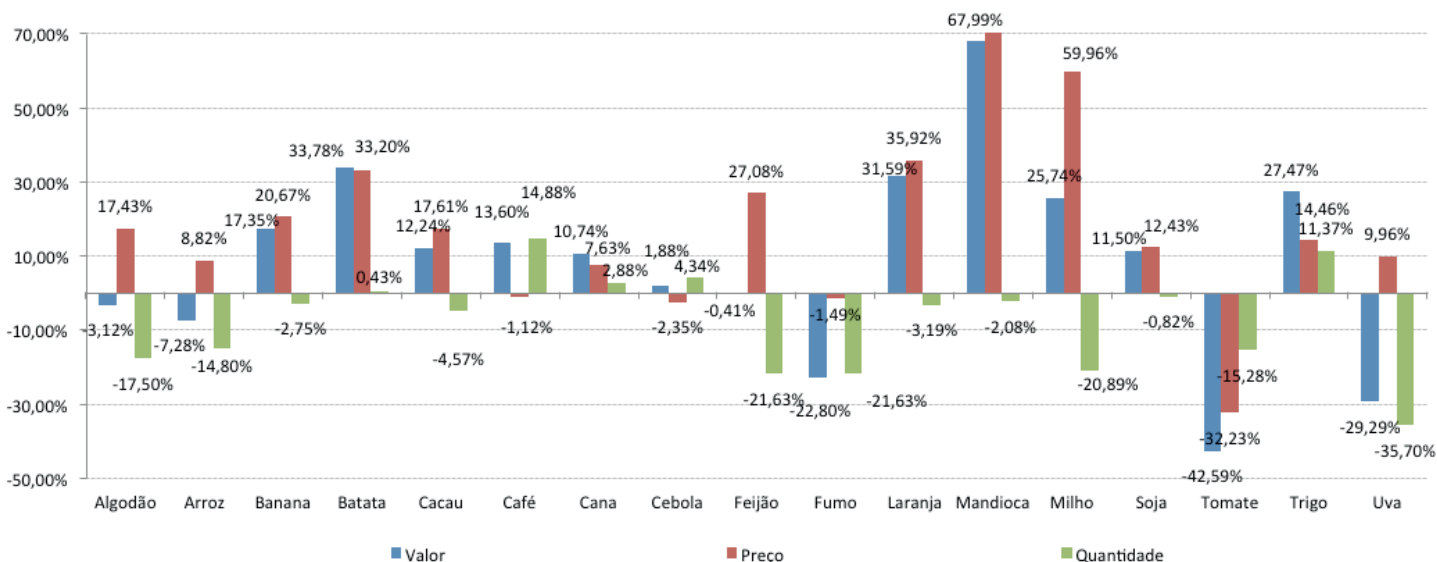


Figura 3 – Agricultura: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a julho/2016 em comparação a janeiro a julho/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algo-dão	Arroz	Ba-nana	Bata-ta	Ca-caú	Ce-bola	Café	Cana	Feijão	Fumo	Laran-ja	Man-dioca	Milho	Soja	Toma-te	Trigo	Uva
Valor	-3,12	-7,28	17,35	33,78	12,24	1,88	13,60	10,74	-0,41	-22,80	31,59	67,99	25,74	11,50	-42,59	27,47	-29,29
Preço	17,43	8,82	20,67	33,20	17,62	-2,35	-1,12	7,63	27,08	-1,49	35,92	71,56	58,96	12,43	-32,23	14,46	9,96
Quan-tidade	-17,50	-14,80	-2,75	0,43	-4,57	4,34	14,88	2,88	-21,63	-21,63	-3,19	-2,08	-20,90	-0,82	-15,28	11,37	-35,70

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

No segmento primário da pecuária, o aumento foi de 0,52% em julho, acumulando elevação de 0,80% para 2016. O preço médio ponderado cresceu 1,85% para o segmento na comparação entre janeiro a julho de 2016, em relação ao mesmo período de 2015. Já com respei-

to à produção, a queda foi estimada em 0,35%.

Para a bovinocultura de corte, a queda nos preços foi de 4,44% na comparação entre os períodos, já descontada a inflação. Quanto à produção, a expectativa

de redução é de 2,34% ao final de 2016. Segundo a equipe Boi/Cepea, em julho, a baixa oferta de animais para abate limitou desvalorizações adicionais da arroba.

Na avicultura de corte, os preços apresentaram alta de 3,24%, na comparação

de janeiro a julho de 2016 com o mesmo período em 2015. A produção anual foi estimada em alta de 4,29%. Já na avicultura de postura, os preços em 2016 estão 16,91% maiores e a produção, 2,34%, também na comparação entre períodos.

Com relação à suinocultura, a queda no faturamento reflete as reduções nos preços (-9,59%) e na produção (-1,84%). Explicações da equipe Suínos/Cepea,

indicam que a demanda doméstica permanece enfraquecida, pressionando os valores internos ao longo do ano.

Na atividade leiteira, os preços registraram aumento de 12,14% no acumulado de janeiro a julho de 2016 em relação ao mesmo período de 2015, com a produção recuando 6,35%. De acordo com a equipe Leite/Cepea, os preços seguem em alta devido à baixa oferta de leite no campo, conforme já indicado nos últi-

mos relatórios. Especificamente em julho, a equipe ressalta que houve ligeiro aumento da captação, impulsionada pela produção no Sul do Brasil, beneficiada pelas forragens de inverno que sustentaram a alimentação animal neste período de altos custos dos concentrados.

Na Figura 4 estão as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2016, na comparação com 2015.

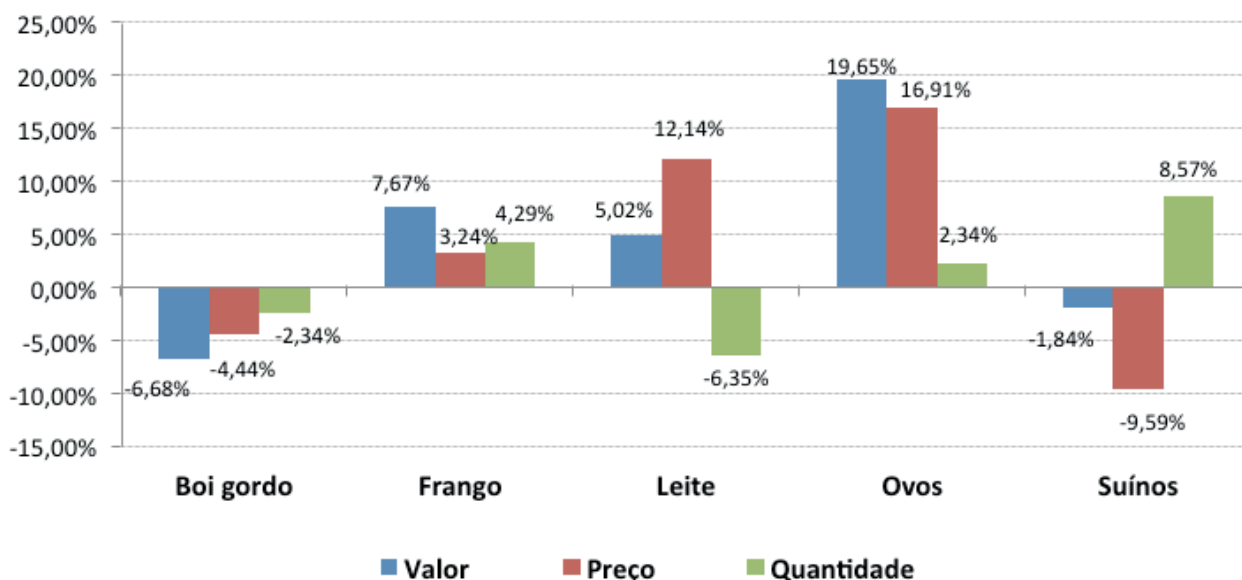


Figura 4 – Pecuária: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a julho/2016 em comparação a janeiro a julho/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE).

Segmento industrial: processamento vegetal recua em julho

A agroindústria nacional recuou 0,72% em julho, acumulando alta de 1,65% de janeiro a julho de 2016 (Tabela 1). Esse cenário de queda mensal é resultado da variação negativa no processamento vegetal (-0,88%) e do crescimento no processamento animal (0,39%) em julho. No acumulado, ambos seguem com variações positivas.

A indústria de base agrícola apresentou queda mensal, principalmente devido às baixas verificadas na projeção de produção das indústrias de etanol e beneficiamento vegetal. Para o ano, o resultado positivo decorre principalmente da alta de preços – elevação real média de 6,90% –, mesmo com redução de 3,19% na produção média. Nos primeiros sete meses de 2016, as indústrias que apresentaram aumento no faturamento foram: celulose e papel (2,35%), elementos químicos (etanol) (2,94%), café (1,42%), beneficiamento de produ-

tos vegetais (0,79%), açúcar (26,74%), óleos vegetais (7,18%) e outros alimentos (3,10%), ver Tabela 2.

Para a agroindústria de celulose e papel, o crescimento no faturamento anual veio da alta registrada nos preços, de 2,42%, junto com elevação da produção anual, em 1,39%, na comparação entre janeiro a julho de 2016 com 2015 (Figura 5). Conforme destacado em relatórios anteriores, as cotações dos produtos desta indústria têm se beneficiado com o Real desvalorizado frente ao dólar (em relação ao mesmo período de 2015), já que o foco principal desta atividade é o mercado internacional.

No mercado de etanol, a expectativa anual da produção é de queda: 8,51%. De acordo com a Conab, uma parcela maior da moagem de cana-de-açúcar foi destinada à produção de açúcar, o que tem contribuído para a redução da produção de eta-

nol na safra atual. Nos preços, o aumento foi de 14,87% (já descontada a inflação no período) no acumulado dos sete primeiros meses de 2016 frente ao mesmo período de 2015. Segundo a equipe Etanol/Cepea, as cotações de etanol fecharam o mês de julho em alta, devido a menor oferta do produto no mercado.

Na indústria açucareira, o bom desempenho no faturamento anual se deve tanto ao aumento de preços (25,80%) quanto à projeção de crescimento da produção, em 19,33%, na comparação entre períodos. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, o açúcar remunerou 76% a mais que o etanol anidro e 81% que o hidratado em julho, devido à alta mais intensa nos preços do adoçante em julho, refletindo a expectativa de déficit global do produto. Diante de tal cenário, as usinas têm aproveitado a alta nos preços do produto e seguem priorizando a produção de açúcar.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração acumulada no período: madeira e mobiliário (-16,55%), têxtil (-14,39%) e vestuário (-15,00%) – ver Figura 5. O desempenho negativo

nessas indústrias relaciona-se a quedas estimadas para a produção, decorrentes principalmente da diminuição da demanda interna, devido à crise econômica do País.

Na Figura 5, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento das principais agroindústrias de janeiro a julho de 2016, em comparação com o mesmo período do ano anterior.

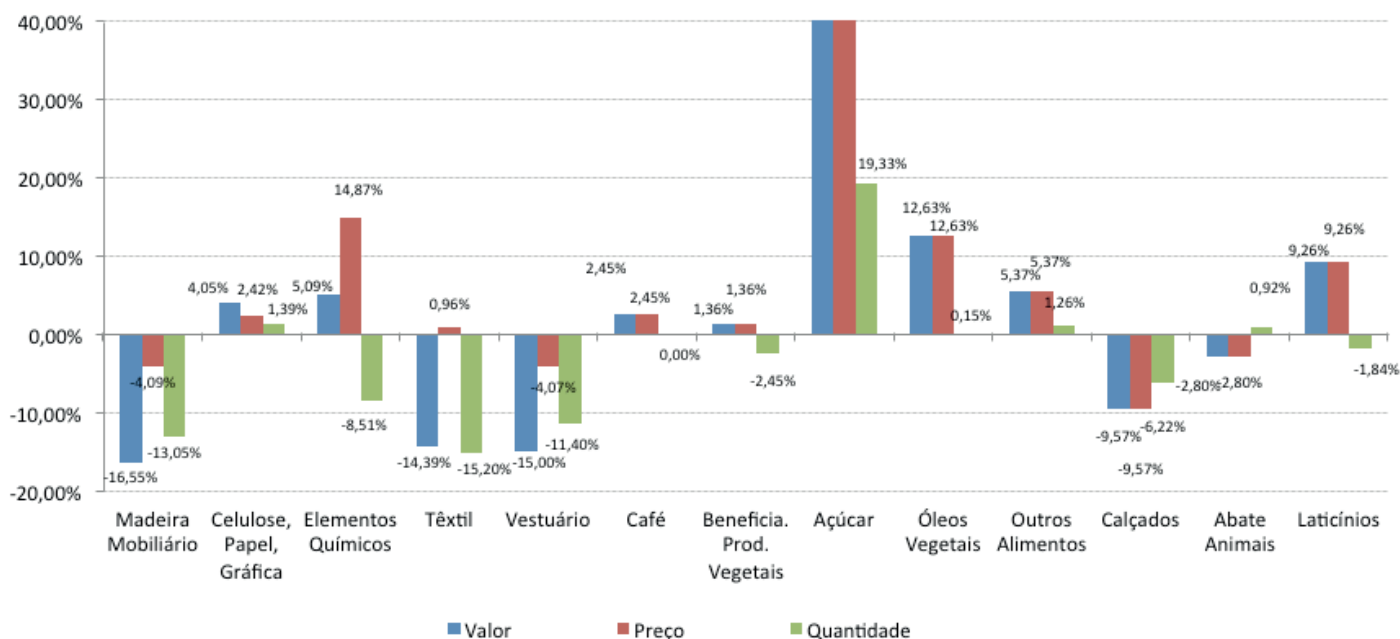


Figura 5 – Agroindústrias: variação anual do volume, preços e faturamento (janeiro a julho/2016 em relação a janeiro a julho/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

No caso do segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios apresentou crescimento no período (5,30%). Já as indústrias de abate de animais e de calçados apresentaram retração de 1,64% e de 5,70%, respectivamente (Ver Tabela 2).

No caso dos lácteos, a produção acumulada de janeiro a julho de 2016 fechou em queda de 1,84%. Para os preços, o aumento registrado foi de 11,31% (já descontada a inflação) na comparação entre períodos (Figura 5). Segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea, a baixa oferta de leite segue influenciando a menor

produção e a alta de preços dos derivados, conforme já destacado em relatórios anteriores.

Na indústria do abate, o resultado negativo no faturamento anual é resultado da queda nos preços (de -3,70%, na comparação entre o período de janeiro a julho de 2016, com o mesmo período de 2015), com perspectiva de aumento na produção (0,92%). Segundo pesquisadores do Cepea, o enfraquecimento da demanda interna tem pressionado as cotações no mercado de carnes, levando-se ao resultado negativo no período avaliado. As

exportações, porém, seguem em alta (bovinos, suínos e aves), limitando as quedas internas.

Para a indústria de couro e calçados, a redução esperada no faturamento anual é reflexo da queda de 6,22% na produção e de 3,51% nos preços, na comparação entre os sete primeiros meses de 2016 com o mesmo período de 2015. A exemplo de outras atividades industriais, o faturamento em baixa desta indústria, fortemente voltada ao mercado interno, tem refletido a retração na economia nacional.

Serviços: segmento cresce nos cinco primeiros meses de 2016

O segmento de *serviços do agronegócio*, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, apresentou crescimento de 0,14% em julho, acumulando alta de 2,57% de janeiro a julho de 2016. No mês, o resultado foi impulsionado pelo ramo pecuário, enquanto que, no acumulado, é o ramo agrícola que puxa o resultado. Em julho, para os serviços voltados à agricultura, houve alta de 0,03% e, no acumulado, de 3,61%. No ramo pecuário, o crescimento foi de 0,41% no mês e de 0,29% no acumulado dos sete primeiros meses do ano (Figura 1).

Conclusões

O PIB do agronegócio brasileiro acumulou alta de 2,71% de janeiro a julho deste ano frente à igual período de 2015. O destaque no ano segue sendo o ramo agrícola, que cresceu 3,61% no período, mas o ramo pecuário mostra recuperação e já

registra resultado positivo no acumulado (0,76%). Em julho, o ramo agrícola apresentou leve queda de 0,04%, resultado da baixa verificada no segmento industrial do ramo, motivada, por sua vez, pelas diminuições nas expectativas de produção

das atividades industriais de etanol, vestuário e têxtil, madeira e mobiliário e beneficiamento de produtos vegetais.

No ramo pecuário, destaca-se ainda a alta acumulada de 12,14% no preço do

leite, motivada pela baixa oferta do produto – com impacto direto sobre a indústria de laticínios. Os mercados de animais vivos e carnes seguem em baixa, refletindo a redução da demanda interna.

Com relação ao ambiente macroeconômico brasileiro, o cenário segue desfavorável notadamente para as atividades voltadas ao consumo interno. A economia segue

em contração, com baixa no PIB brasileiro registrada nos dois primeiros trimestres e perspectiva de queda de 3,14% no ano, segundo avaliação do mercado divulgada no último relatório Focus do Banco Central. A taxa de desemprego foi estimada em 11,8% no trimestre móvel encerrado em agosto de 2016, com crescimento de 5,1% na população desocupada em relação ao trimestre de março a maio de 2016.


Com a retração da atividade e do emprego, a arrecadação governamental também segue em queda, com as contas do governo atingindo déficit de R\$ 20,3 bilhões em agosto, sendo este o pior resultado para o mês desde o início da série histórica em 1997. O novo governo, portanto, segue com o desafio de buscar a reversão de tal tendência e a recuperação da confiança para a atração de investimentos. 

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Julho	0,59	0,17	-0,19	-0,02	0,06
Agosto	0,27	0,23	-0,22	-0,08	0,01
Setembro	0,26	0,25	-0,39	-0,17	-0,05
Outubro	0,02	0,07	0,30	0,00	0,10
Novembro	0,43	0,37	0,74	0,56	0,54
Dezembro	0,37	0,56	0,12	0,14	0,29
Janeiro	0,28	0,52	0,36	0,31	0,38
Fevereiro	0,42	0,64	0,89	0,80	0,73
Março	-0,04	0,11	0,50	0,21	0,23
Abril	0,16	0,29	0,27	0,32	0,28
Maiο	0,22	0,36	0,17	0,25	0,26
Junho	0,84	1,21	0,18	0,52	0,67
Julho	0,50	0,76	-0,72	0,14	0,13
Acum. no Período (2016)	2,40	3,96	1,65	2,57	2,71

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Julho	0,48	0,39	-0,19	0,04	0,08
Agosto	0,46	0,43	-0,27	-0,17	0,00
Setembro	0,60	0,80	-0,42	-0,12	0,06
Outubro	0,53	0,68	0,36	0,18	0,40
Novembro	0,88	1,00	0,84	0,89	0,90
Dezembro	0,69	1,12	0,14	0,22	0,46
Janeiro	0,61	1,20	0,44	0,57	0,68
Fevereiro	0,50	0,92	1,02	1,08	0,96
Março	-0,10	0,29	0,58	0,34	0,37
Abril	-0,01	0,39	0,35	0,48	0,36
Maiο	0,27	0,71	0,19	0,37	0,38
Junho	1,06	1,90	0,20	0,70	0,85
Julho	0,28	0,95	-0,88	0,03	-0,04
Acum. no Período (2016)	2,64	6,52	1,90	3,61	3,61

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Julho	0,74	-0,09	-0,20	-0,14	0,01
Agosto	0,00	-0,02	0,14	0,10	0,04
Setembro	-0,22	-0,39	-0,22	-0,26	-0,30
Outubro	-0,69	-0,65	-0,12	-0,39	-0,51
Novembro	-0,19	-0,38	0,04	-0,15	-0,23
Dezembro	-0,09	-0,11	0,00	-0,02	-0,07
Janeiro	-0,19	-0,31	-0,20	-0,26	-0,26
Fevereiro	0,30	0,30	0,04	0,17	0,23
Março	0,03	-0,12	-0,02	-0,08	-0,07
Abril	0,40	0,17	-0,24	-0,05	0,09
Maio	0,16	-0,08	0,08	-0,04	-0,01
Junho	0,54	0,33	0,02	0,14	0,27
Julho	0,81	0,52	0,39	0,41	0,52
Acum. no Período (2016)	2,07	0,80	0,07	0,29	0,76

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016

2016/2015	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Julho	-0,70	0,52	-0,90	-1,50	-1,20	-0,06
Agosto	-0,57	0,82	-0,26	-1,80	-0,89	0,00
Setembro	-1,63	0,78	-0,48	-2,69	-2,04	0,05
Outubro	-2,13	1,02	2,73	-2,53	-1,75	0,24
Novembro	-1,97	0,44	2,45	-2,36	-1,69	0,28
Dezembro	-2,35	0,73	2,03	-1,91	-2,59	0,31
Janeiro	-1,26	0,61	1,67	-1,36	-1,40	0,06
Fevereiro	-1,22	0,84	1,61	-1,43	-1,20	-0,11
Março	-1,52	0,67	2,46	-1,75	-1,29	0,13
Abril	-1,54	0,31	0,28	-1,59	-1,12	0,21
Maio	-1,68	0,46	0,23	-1,20	-1,28	0,27
Junho	-1,83	-0,13	0,77	-1,13	-1,82	0,36
Julho	-1,42	-0,43	-3,99	-0,54	-1,30	0,50
Acum. no Período (2016)	-10,02	2,35	2,94	-8,66	-9,05	1,42

2016/2015	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Julho	1,15	0,07	0,56	-0,29	-0,34	-0,23	-0,10
Agosto	-2,07	0,97	1,05	-0,01	-0,98	0,51	-0,30
Setembro	-1,69	1,08	1,92	-0,18	-1,65	0,15	-0,56
Outubro	-1,07	-5,66	2,25	0,11	-1,75	-0,09	0,29
Novembro	2,01	0,75	0,99	0,45	-1,31	0,23	0,02
Dezembro	-2,01	1,39	1,07	-0,19	-1,79	0,23	0,02
Janeiro	-0,71	3,12	1,65	-0,02	-0,89	-0,22	0,05
Fevereiro	3,64	2,88	1,49	0,21	-0,66	-0,02	0,36
Março	-1,19	2,00	0,50	0,23	-0,89	-0,15	0,49
Abril	1,67	2,35	0,75	0,37	-0,73	-0,51	0,47
Maiο	-0,34	2,64	1,05	0,54	-0,82	-0,27	1,05
Junho	-1,03	3,46	1,02	0,62	-0,74	-0,42	1,10
Julho	-1,15	7,76	0,52	1,09	-1,10	-0,06	1,68
Acum. no Período (2016)	0,79	26,74	7,18	3,10	-5,70	-1,64	5,30

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 3 – PIB do agronegócio brasileiro de 1994 a 2016 (R\$ bilhões de 2016*)

	AGROPECUÁRIA				
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	79,78	214,22	300,47	300,26	894,73
1995	77,31	219,55	322,38	301,63	920,87
1996	78,15	211,18	308,21	308,38	905,92
1997	77,08	208,18	309,96	302,70	897,92
1998	81,67	221,16	293,63	306,67	903,12
1999	88,73	220,90	301,59	308,54	919,76
2000	91,42	219,01	304,67	305,56	920,67
2001	95,12	229,08	302,37	310,19	936,75
2002	109,04	256,34	319,96	333,91	1.019,25
2003	122,67	286,65	329,13	347,41	1.085,86
2004	124,37	284,18	345,76	359,30	1.113,60
2005	111,73	256,47	346,21	347,32	1.061,73
2006	108,74	251,00	355,96	350,84	1.066,54
2007	122,86	281,58	371,45	374,82	1.150,71
2008	144,73	322,90	381,25	394,55	1.243,43
2009	128,96	298,39	366,40	377,74	1.171,48
2010	135,13	330,97	390,72	402,97	1.259,80
2011	151,90	370,06	385,35	417,79	1.325,10
2012	151,41	359,55	370,39	405,49	1.286,85
2013	157,48	391,72	382,69	421,69	1.353,58
2014	161,29	408,36	380,70	425,73	1.376,08
2015	164,74	411,75	383,36	427,31	1.387,16
2016	168,70	428,03	389,70	438,29	1.424,73

AGRICULTURA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	51,09	125,22	254,09	215,02	645,42
1995	48,68	125,26	270,96	212,10	657,01
1996	50,47	124,57	256,39	219,76	651,19
1997	50,32	124,32	260,69	217,08	652,41
1998	52,89	130,83	246,41	216,56	646,70
1999	55,62	124,07	253,63	214,17	647,49
2000	55,05	115,22	256,15	207,89	634,31
2001	58,22	125,05	252,69	210,45	646,41
2002	67,80	147,47	269,45	230,53	715,25
2003	78,09	171,00	279,13	241,75	769,96
2004	78,86	168,03	294,21	251,16	792,26
2005	66,98	142,05	295,73	241,72	746,48
2006	66,15	141,68	307,87	250,43	766,13
2007	75,33	159,05	319,62	264,10	818,09
2008	91,73	185,94	326,92	274,43	879,02
2009	78,99	168,81	317,78	267,00	832,58
2010	82,58	189,41	340,27	286,04	898,31
2011	92,39	215,07	334,29	295,03	936,78
2012	93,11	214,67	323,16	291,29	922,24
2013	93,60	220,30	332,32	294,45	940,67
2014	93,01	221,00	329,14	290,70	933,85
2015	96,54	227,05	332,67	293,73	949,99
2016	99,09	241,86	338,98	304,32	984,25

PECUÁRIA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	28,68	88,99	46,39	85,24	249,30
1995	28,63	94,28	51,41	89,53	263,86
1996	27,68	86,61	51,83	88,62	254,73
1997	26,76	83,86	49,27	85,62	245,51
1998	28,78	90,32	47,22	90,10	256,42
1999	33,11	96,83	47,96	94,37	272,28
2000	36,37	103,79	48,52	97,67	286,35
2001	36,90	104,03	49,68	99,74	290,34
2002	41,24	108,87	50,52	103,38	304,00
2003	44,58	115,65	50,00	105,67	315,90
2004	45,51	116,14	51,55	108,14	321,34
2005	44,75	114,42	50,48	105,60	315,25
2006	42,58	109,33	48,08	100,41	300,41
2007	47,53	122,54	51,83	110,72	332,62
2008	53,00	136,95	54,33	120,13	364,41
2009	49,97	129,58	48,62	110,73	338,90
2010	52,54	141,56	50,45	116,94	361,49
2011	59,51	154,99	51,06	122,77	388,32
2012	58,30	144,88	47,23	114,19	364,60
2013	63,88	171,42	50,37	127,23	412,90
2014	68,28	187,36	51,56	135,03	442,23
2015	68,20	184,70	50,69	133,58	437,17
2016	69,61	186,18	50,72	133,97	440,48

Fonte: CEPEA-USP e CNA

* tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada em 2016